

# **MANUSCRITOS, TRADUÇÃO E GÊNESE: UM RESGATE HISTÓRICO DO HOMEM DE LETRAS PEDRO DE ALCÂNTARA**

Noêmia G. Soares<sup>1</sup>  
Sergio Romanelli<sup>2</sup>

## **Resumo:**

*Neste artigo, pretendemos traçar um perfil do tradutor e homem de letras Pedro de Alcântara, aliás, Dom Pedro II, último Imperador do Brasil. Sua personalidade multifacetada se revela também no seu uso de dois nomes para estabelecer e delimitar os dois mundos que caracterizaram sua vida: por um lado, Dom Pedro II, o político regente (contra sua vontade) do maior país sul-americano e, por outro, Pedro de Alcântara, um homem entre os homens, apaixonado pelas línguas clássicas e modernas e por suas literaturas que, além de escrever poemas, traduzia por diletantismo e também para entrar naquela seleta "Cidade letrada" internacional composta por homens como Victor Hugo, Longfellow, Manzoni, Cesare Cantù, etc., com quem se correspondia e com os quais manteve uma troca intelectual significativa. Os documentos encontrados no Museu Imperial de Petrópolis revelam um conjunto de obras traduzidas acabadas e inacabadas e de epístolas de qualidade não somente pessoal, mas literária, que muito revelam acerca do papel da tradução não somente na vida de Pedro de Alcântara, mas do Brasil imperial. A crítica genética nos possibilitou resgatar esses documentos há muito tempo abandonados em gavetas empoeiradas por uma historiografia demasiadamente crítica e superficial em relação ao papel de Dom Pedro II enquanto intelectual e tradutor; e sua metodologia nos forneceu as diretrizes para oferecer aos leitores não somente edições genéticas desses textos, mas, também uma releitura de sua importância para a história do Brasil e para a constituição da identidade brasileira no século XIX.*

**Palavras-chave:** História do Brasil. Tradução. Pedro de Alcântara.

## **Abstract:**

*In this paper we intend to draw a profile as a translator and an intellectual of Pedro de Alcântara, incidentally, Dom Pedro II, the last Emperor of Brazil. His multifaceted personality reveals itself also in its use of two names to establish and identify the two worlds that characterized his life: on the one hand, Dom Pedro II, the political ruler (against his will) of the largest South American country, and secondly Pedro de Alcântara, a man among men, passionate about classical and modern languages and literatures, which in addition to writing poems, was also a dilettante translator to enter that select "lettered city" composed of international men like Victor Hugo, Longfellow, Manzoni, Cesare Cantu, etc., with whom he corresponded and with whom maintained a significant intellectual exchange. Documents found in the Imperial Museum in Petrópolis reveal a set of finished and unfinished works translated and epistles not only of personal quality, but literary too, which reveal much about the role of translation not only in the life of Pedro de Alcântara, but in the Imperial Brazil. The genetic criticism enabled us to rescue these documents abandoned long ago in dusty drawers by a too critical historiography too shallow for the role of Don Pedro II as an intellectual and translator; and his methodology provided us with guidelines to give readers not only genetic editions of these texts, but also a reinterpretation of its importance to the history of Brazil and for the constitution of Brazilian identity in the nineteenth century.*

**Keywords:** History of Brazil. Translation. Pedro de Alcântara.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina/CAPES

<sup>2</sup> CNPq/CAPES-Antwerp University)

Apresentamos aqui uma das pesquisas desenvolvidas nos últimos quatro anos pelos membros do NUPROC (Núcleo de Estudos do Processo Criativo, [www.nuproc.cce.ufsc.br](http://www.nuproc.cce.ufsc.br)) da Universidade Federal de Santa Catarina. Trata-se do estudo, a partir dos manuscritos encontrados no Museu Imperial de Petrópolis e no IHGB, da atividade tradutória, mas também intelectual, de Pedro de Alcântara, segundo e último Imperador do Brasil.<sup>3</sup> Cabe destacar aqui que, ao começar esta investigação, não imaginávamos minimamente a amplitude tanto dos manuscritos disponíveis, quanto da atividade intelectual e da rede de interesses e de contatos que esses documentos testemunham e nos revelam. À medida que nos aprofundamos no resgate, estudo e divulgação desses documentos, estranhamos a pouca atenção dada até hoje a esse conjunto de dados e à atividade tradutória e intelectual do Imperador, muito superficialmente julgada até então como ocupação inútil de um monarca entediado com suas obrigações diplomáticas e com desejos literários que não possuíam e produziam resultados significativos.

Apesar de estarmos ainda em processo de estudo desse material, podemos com certeza já afirmar que esse julgamento é absolutamente leviano, parcial e não fundamentado, uma vez que baseado em preconceitos políticos e teóricos e não num estudo aprofundado desses documentos os quais nunca ou quase foram lidos e analisados com a devida atenção. O que no início era, ou se propunha a ser, um estudo do processo tradutório do Imperador e de um intelectual do século XIX está se tornando a descoberta e a revelação de um preciso projeto político e cultural de constituição de uma identidade contra-hegemônica pautada no uso da tradução como meio de contato, importação de ideias e modelos distantes (não somente europeus e não somente literários). Trata-se igualmente da divulgação de um plano implícito e subentendido, não comunicável e contrastante com aspectos políticos e contingentes do Imperador e do Império que representava. Explicamos-nos melhor ao mostrar não somente a vastidão do material encontrado, sua organização, como também sua leitura à luz de dados encontrados em cartas e no diário do Imperador.

Acreditamos, então, que este projeto seja inédito por vários motivos e ofereça muitos pontos de interesse: a organização e transcrição desse material documental para leitura e estudo, ainda nunca enfrentado; uma reavaliação e valorização verdadeira do papel de intelectual do imperador e sua inserção num plano não somente pessoal, mas geral no contexto da História brasileira na transição da monarquia para a república. Gostaríamos de

---

<sup>3</sup> Este artigo é uma síntese do livro recém-publicado ROMANELLI, S.; SOARES, G. N.; SOUZA, R. De. *Dom Pedro II: Um tradutor Imperial*. Tubarão (SC): CopyArt, 2013.

destacar que nossa leitura, por não sermos historiadores, é a de geneticistas e linguistas que consideram a tradução como fenômeno cultural e a inserem e estudam num polissistema de influências, modelos e normas que a moldam e que fazem com que molde, por sua vez, tanto o sistema que a origina, quanto o que a recebe.

Pelo objetivo de nosso estudo, não nos deteremos em dados biográficos e históricos já de domínio público, mas tentaremos traçar essa história paralela que, como dissemos, apesar de deixar uma marca consistente, permanece invisível.

Dom Pedro II esteve ligado aos ideais do Romantismo europeu, os quais sustentaram seu amor pela pátria, pelo povo brasileiro, pela arte e pela ciência. Foi um homem visionário que não mediu esforços para desenvolver o conhecimento não só em seu país, mas ajudando, por exemplo, a financiar o Instituto Pasteur em Paris, o Teatro de Wagner em Bayreuth, patrocinando também a construção de um monumento em memória de Antonie Becquerel, assim como outros monumentos homenageando Carpeaux, Watteau, Galvani, Boccaccio, etc. (BESOUCHET, 1993, p. 37). Contratou sábios para visitar o Brasil e enviou brasileiros para estudar no exterior com uma única exigência: que retornassem tão logo terminassem os estudos para contribuir com o progresso de sua pátria. Entre seus bolsistas, estavam Carlos Gomes, Vítor Meireles, Gonçalves Dias, Guilherme Schuch de Capanema, etc.

Grandes paixões de D. Pedro II, expressas em várias anotações próprias, ou relatadas por muitos dos que conviveram com ele e que estudaram sua vida e obra, foram as línguas estrangeiras, a literatura, a tradução e as Letras *lato sensu*. Era um entusiasta da linguagem humana; sempre que possível, fazia uso de sua capacidade linguística. Essa dedicação às línguas não se restringiu somente à fala. D. Pedro II traduziu diversos textos de vários idiomas, além de anotar, em seu diário pessoal, as comparações que costumeiramente realizava de traduções feitas, não somente por ele, de determinada obra (*Os Lusíadas*, por exemplo), revelando um grande interesse e um grande conhecimento de edições, variantes, estudos sobre os clássicos da literatura mundial:

21 de novembro de 1872 “5<sup>h</sup> ¼. Tomei o café e vou traduzir do hebreu”. (ALCÂNTARA, 1999, p. 344)

18 de novembro de 1876 “Depois do almoço, enquanto não se seguia traduzi os Atos dos Apóstolos com o Henning [...]”. (ALCÂNTARA, 1999, 435)

8 de julho de 1887 [...] “3h ½ Traduzi desde 2 ½ sânscrito com o Seibold”.

12 de julho de 1887 [...] “[sic] h ½. Acabei de traduzir árabe depois de comparar a tradução dos Lusíadas em alemão com o original e de continuar

a traduzir as Mil e uma Noites no original com o Seibold". (ALCÂNTARA, 1999, p. 539, p. 543)

**22 de novembro de 1890 (sábado)** [...] 9h 50' Continuei a comparação das traduções de Odorico Mendes e Leconte Delisle da Odisséia com o original que tinha ficado interrompida de há bastante tempo, e quase acabei a alemã do canto 9º dos Lusíadas com o original.". (ALCÂNTARA, 1999, p. 875) [...] **20 novembro de 1891 (6a fa.)** 10h ½ Sânscrito. Recomecei o meu trabalho dos Lusíadas com as traduções em diversas, breve acabarei a última francesa e principiarei as italianas. Verei se acho outras em diferentes línguas. Já escrevi mas farei para Portugal afim de me apontarem todas as traduções [...].". (ALCÂNTARA, 1999, p. 1061). (grifos do autor)

Apesar disso, somente três obras traduzidas pelo Imperador foram até hoje publicadas, a saber:

- 1) *Prometeu Acorrentado, de Ésquilo* (original de *Eschylo*) traduzido para o português por ele mesmo, na condição de Imperador do Brasil (cf. Bibliografia: Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907);
- 2) *Poesias* (originais e traduções) de S. M. o Senhor D. Pedro II, sendo este uma homenagem de seus netos (cf. Bibliografia: Petrópolis: Typographia do "Correio Imperial", 1889). Nesta obra, encontram-se as seguintes traduções, muitas vezes dividindo as páginas com o texto original:
  - Episódio do Conde Ugolino e de Francisca de Rimini (*Divina Comédia* – Dante Alighieri);
  - Ode "Cinco de Maio" (*Il Cinque Maggio* – Alessandro Manzoni);
  - "A canção dos latinos" (*La Canzone dei Latin* – autor não assinalado);
  - Soneto "A Aloys Blondel" (*A Aloys Blondel* – François Coppée);
  - "Soneto" (*Sonnet* – Félix Anvers);
  - Poema "A Passiflora" (*La Passiflore* – Condessa de Chambrun);
  - "Soneto" (*Sonnet* – D. Mon);
  - "Soneto a Coquelin" (*Sonnet à Coquelin* – Jean Richepin);
  - "Soneto" (*Sonnet* – Sully Prudhomme);
  - Sonetos "O magistrado", "A la mignarda" e "A terra natal" (*Le Magistrat/A la Mignarde/Le sol natal* – Rigaud);
  - "Soneto" (*Sonnet* – General Carnot);
  - Soneto "O beija-flor" (*Le colibri* – Leconte de Lisle);
  - "O Adeus" (*Les Adieux* - autor não assinalado);

- “Soneto” (*Sonnet* - Helena Vacaresco);
- “O besouro”, “Cantiga de Nadaud” e “Versos de Gustavo Nadaud” (*Le Hanneton/Chanson de Gustave Nadaud/ Vers de Gustave Nadaud*);
- Poema “A borboleta e a flor” (*Le papillon et la fleur* – Victor Hugo);
- Poema “O choro d’uma alma perdida” (*The cry of a lost soul* – John Whittier);
- Poema “O canto do siciliano: El-Rei Roberto da Sicília” (*The Sicilian's Tale: King Robert of Sicily* - Henry Wadsworth Longfellow);

3) *Poesias Hebraico-Provençais do Ritual Israelita Comtadin*, impressa em Avignon, em 1891.

Se, à primeira vista, o imperador parece ter traduzido, sobretudo, os poetas que admirava; a um estudo mais atento, que é o que pela primeira vez se propõe aqui, apoiado tanto na transcrição e na análise de seus manuscritos tradutórios, quanto na reconstituição do polissistema no qual estava inserido, observa-se que a tradução parecia o meio através do qual entrava em contato com os principais intelectuais europeus e americanos (no caso, por exemplo, de seus contemporâneos Manzoni, Longfellow, Cesare Cantú, Hugo, etc.) e também o meio privilegiado para constituir um projeto político, cultural e religioso novo no Brasil. A escolha peculiar de traduções de textos contra-hegemônicos do árabe, do hebreu e do sânscrito, assim como textos políticos do espanhol e do italiano, e a presença de professores alemães especialistas em Oriente Médio e até de um professor judeu em sua rede de amigos, levam a supor outro papel não somente linguístico da tradução em sua vida.

No diário pessoal do Imperador, é possível encontrar anotações a respeito dessas traduções e das datas em que foram realizadas. Das traduções realizadas pelo monarca, algumas se encontram conservadas no Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), além de acervos particulares. Grande parte desses manuscritos tradutórios já foi coletada em três missões de pesquisa em Petrópolis e no Rio de Janeiro e foi sucessivamente organizada através de transcrição diplomática.<sup>4</sup> Os documentos se encontram, então, já prontos para análise; contamos ainda realizar algumas missões para coletar mais manuscritos indispensáveis para esta pesquisa.

---

<sup>4</sup> A transcrição diplomática é uma reprodução fiel da topografia do manuscrito original com suas rasuras, símbolos, abreviaturas etc. para que se possa tornar o documento mais legível sem alterar sua materialidade gráfica.

Atualmente, outras pesquisas estão trazendo à tona essa faceta pouco conhecida do imperador;<sup>5</sup> no entanto, até o momento, a maioria desses estudos somente aborda de forma superficial a atividade tradutória; nenhum deles destaca a atividade desempenhada pelo monarca brasileiro no que se refere à escolha dos textos, dos autores traduzidos, ou mesmo sobre as intenções ao traduzir (motivação política de difusão da literatura, de escritores e culturas estrangeiras ou apenas por interesses pessoais). Neste sentido, este projeto objetiva preencher essa lacuna, resgatando, através do estudo aprofundado dos manuscritos tradutórios disponíveis – utilizando para esse fim a metodologia da Crítica Genética – essa atividade do Imperador e todo um conjunto de inter-relações de vários tipos que, por meio da tradução, o Imperador conseguiu estabelecer naquele período. O estudo de cartas, diários, vestígios deixados por ele e pelos intelectuais com quem se correspondia será fundamental para percorrer o processo de construção dessa identidade peculiar não somente de Dom Pedro II, mas do Brasil que ele representava e que queria construir.

Este projeto se insere, então, no grande âmbito dos Estudos da Tradução, mas visa, mediante as teorias descritivas de matriz belga e israelense [Lambert (1985), Even-Zohar (1990), Toury (1995), etc.], aliadas à metodologia da Crítica Genética, à Antropologia e aos Estudos Culturais, entender que papel teve a tradução na vida do Imperador e no Brasil imperial. Para tanto, não se pretende partir de suposições construídas *a priori* e baseadas em uma historiografia que desconsidera frequentemente os dados revelados por esses documentos manuscritos, mas considerar os dados empíricos contidos em um conjunto extraordinário de manuscritos e documentos de processo até hoje nunca estudados.

Outro fator que justifica esta pesquisa é o fato de que há poucos estudos que visem analisar a história da tradução no Brasil. Wyler, em *Línguas, Poetas e Bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil* (2003) revela a sua experiência sobre a dificuldade em compor uma historiografia da tradução em nosso país. Impressionou-lhe a escassa bibliografia existente sobre o assunto nos bancos de dados do CNPq e nos acervos de bibliotecas espalhadas pelo Brasil. Para a autora, essa falta de informações leva muitos pesquisadores a “abandonar a desanimadora tarefa de reunir e analisar dados dispersos, [...] reforçando mais uma vez a invisibilidade da tradução e do tradutor no país” (WYLER, 2003, p. 25).

---

<sup>5</sup> Como exemplos, temos a dissertação de Mestrado de Giselle M. Câmara, "Então esse é o Imperador? Ele não se parece nada com reis". Algumas considerações sobre o intelectual brasileiro Pedro de Alcântara e suas viagens pelas terras do Nilo. PUC/RJ, 2005; e a monografia de Anna Olga Prudente de Oliveira, D. Pedro II – Um Tradutor no Trono do Brasil, PUC/RJ (em andamento)

Assim, alguns dos objetivos deste projeto de pesquisa seriam reconstruir e entender as relações que D. Pedro II mantinha com o polissistema cultural brasileiro e estrangeiro em meados do século XIX. Entender igualmente as estreitas ligações com intelectuais como Gonçalves Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre, Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves Dias, Carlos Gomes entre outros nomes que possam ter contribuído para formação e constituição da história da tradução e da literatura nacional e, sobretudo, o papel estratégico da tradução de línguas como o árabe, o sânscrito e o hebraico como veículo não somente de culturas distantes, mas também de religiões não oficiais. Ademais se quer discutir o papel que esse orientalismo possa ter tido na conversão religiosa no Brasil, sobretudo lembrando que a maioria dos tutores do Imperador eram alemães especialistas em línguas do Oriente Médio e que um desses era judeu.<sup>6</sup> Sabemos ainda que foi o Imperador quem primeiro permitiu a chegada de judeus no Brasil pelo seu papel de intelectuais e tradutores. Além disso, vale lembrar que o Imperador foi o primeiro a traduzir no Brasil obras como *As Mil e uma noites*,<sup>7</sup> trechos do épico *A Araucana* (Alonso de Ercilla), que narra a batalha entre os araucanos e os colonizadores espanhóis no Chile, livros do Antigo Testamento do hebraico para o latim (Isaías e Ruth) e fábulas em sânscrito do livro *Hitopadesha*.

O que parece, ao analisar-se seu percurso, é que realmente Pedro de Alcântara queria ser um intelectual entre os intelectuais, ser aceito naquele círculo que Pascale Casanova (2002) chama de República mundial das letras e Angel Rama (1996) a cidade letrada, que possui limites e regras próprias independentemente de papéis e procedências:

Os grandes cosmopolitas (em geral políglotas) são de fato uma espécie de agentes de câmbio, “cambistas” encarregados de exportar de um espaço a outros textos dos quais fixam [...] o valor literário. Valery Larbaud [...] descrevia os literatos do mundo inteiro como membros de uma sociedade invisível, de certa forma “legisladores” da república das Letras. (2002, p. 37)

---

<sup>6</sup> Seus estudos na área de línguas orientais se iniciaram em 1875. Teve como mestre de sânscrito o Dr. Carlos Henning, de hebraico, o judeu Akerblom, que foi substituído por Koch, e este por Henning; sendo seu último mestre o Dr. Seybold, que também substituíra o barão Schreiner nas aulas de árabe. O Dr. Seybold acompanhou o imperador até seus últimos dias de vida, já no exílio (LYRA, 1977).

<sup>7</sup> Cf. SOUZA, Rosane. *A gênese de um processo tradutório: As Mil e uma noites de D. Pedro II*. 136 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis, 2010.

Dom Pedro II era um letrado disfarçado de Imperador que queria ser parte dessa aristocracia invisível, dessa sociedade de literatos que estabelece e consagra os grandes escritores. Escritores e tradutores têm um papel relevante e indispensável nesse novo espaço mundial estabelecido pelos textos: “Como a crítica, a tradução é por si só valorização ou consagração” (CASANOVA, 2002, p. 39). Pascale Casanova, ao citar o pensamento de Larbaud, lembra o papel fundamental e tríplice dos tradutores que, enquanto traduzem, aumentam sua riqueza intelectual, enriquecem sua literatura nacional e honram seu nome.

Entende-se aqui o processo tradutório como a superação/transgressão de uma fronteira; essa transgressão (*border crossing*) opera uma transformação (transculturização) de A para B. Segundo Stallaert (2012), essa imagem remete à imagem da conversão religiosa que, em sua definição, tem sido caracterizada como uma “translação” (metáfora espacial) de um ponto A (religião X) para B (religião Y) durante a qual o sujeito sofre um processo de transculturização convertendo-se:

La similitud entre ambos procesos de cambio – traducción y conversión – como transgresión de fronteras acompañada de un proceso de transculturación, va más allá de un mero juego terminológico o de definición de conceptos. En muchos casos, y sobre todo en la tradición ibérica, el traductor y el converso son una misma persona y tanto la conversión como la traducción han sido percibidas (y utilizadas) como un instrumento o estrategia para contestar la identidad hegemónica. (STALLAERT, 2012, s.p.)

Nesse sentido, é impossível desvincular os Estudos da Tradução da história das três religiões monoteístas, a saber, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Estas duas últimas não podem prescindir de traduções toda vez que se transgridem fronteiras culturais e linguísticas na expansão da comunidade religiosa. A estratégia pode ser a contaminação do cânone literário mediante a criação de obras híbridas ou a importação de obras consideradas heterodoxas, impuras, e o instrumento para isso é a tradução. Nesse sentido, acredita-se se devam estudar as traduções das *Mil e uma noites* do árabe, do *Hitopadesha* do sânscrito, de poesias hebraico-provençais, da Bíblia, do *La Araucana*, épico chileno e do canto do Conde Ugolino de Dante por parte do Imperador Dom Pedro II.

Essa tese é reforçada pela pesquisa desenvolvida por Christiane Stallaert (1998) com a tradição casticista espanhola em que essa transgressão e criação de um novo cânone aconteceram através da tradução de obras do árabe e de outras obras cujo conteúdo é crítico



ou contrário à tradição. O mesmo ocorre com as obras escolhidas pelo Imperador no momento da constituição da identidade brasileira. Nesse sentido, será fundamental a comparação da atividade do Imperador com a de Rafael Cansinos Assens, escritor e tradutor andaluz nascido em Sevilla em 1882. Assim como o Imperador, Cansinos Assens trocava cartas com intelectuais da época, foi se cercando paulatinamente de judeus ou de especialistas dessas tradições religiosas. Assim como o Imperador, Cansinos Assens se dedicou completamente à tradução e traduziu obras relacionadas com a cultura árabe e judia, como a primeira tradução das *Mil e uma noites* do árabe para o castelhano (igualmente a Dom Pedro). Assim como no caso de Dom Pedro, o diário de Cansinos Assens está repleto de anotações acerca de sua atividade intelectual e tradutória. Evidentemente o estudo da figura e da atividade de Cansinos Assens não será o objetivo desta pesquisa, mas será útil para estabelecer um paralelo com a atividade do Imperador e defender o paradigma aqui sustentado: a do uso da tradução para criar, a partir da importação de modelos estrangeiros polêmicos e culturalmente marcados, uma nova identidade contra-hegemônica. E, no caso de D. Pedro, o fato de ele ser um representante da hegemonia política torna-o ainda mais interessante.

Para Stallaert (2012, [s.p.]): “[...] etnicidad, religión y traducción forman una tríada que conviene leer de forma interconectada para comprender y descodificar los proyectos identitarios contra-hegemónicos formulados desde la periferia del sistema colonial”. Pretende-se, então, nesta pesquisa, aprofundar um dos espaços periféricos daquele lugar central que a autora belga define como geografia imperial (Andaluzia, Portugal, Brasil, Argentina). Este objetivo será desenvolvido, como já mencionado, com um enfoque transdisciplinar situado na intersecção entre Estudos da Tradução, Crítica genética e Antropologia.

Evidentemente uma descrição genética não é uma abordagem estética ou poética do prototexto, não almeja reconstituir uma estética em devir e não serve a um tipo peculiar de compreensão ou interpretação do sentido. Uma vez descrito, o prototexto, pode ser cruzado com inúmeros campos do saber e interpretado sob o ângulo de uma área específica. Deve-se, portanto, buscar uma harmonia entre o objeto de estudo e o embasamento teórico para que a análise reflita a complexidade do objeto estudado.

O dossiê genético de nossa pesquisa se constitui dos seguintes documentos:

- 1) Fac-símiles das traduções de D. Pedro II dos seguintes autores:
  - Canto V e XXX do Inferno da *Divina Comédia* de Dante Alighieri;
  - Ode “*Il Cinque Maggio*”, tragédias *Il Conte di Carmagnola* e *Adelchi* de Alessandro Manzoni;

- poema “*The Sicilian's Tale: King Robert of Sicily*” de Henry Wadsworth Longfellow;
  - poema “O Sino” de Frederich Schiller;
  - o livro *As mil e uma noites*;
  - o épico *A Araucana* de Alonso de Ercilla;
  - livros do Antigo Testamento do hebraico para o latim (Isaías e Ruth) e fábulas em sânscrito do livro *Hitopadesha*;
- 2) o diário do Imperador já digitalizado e editado pelo Museu Imperial de Petrópolis;
  - 3) cartas de D. Pedro II a amigos e intelectuais da época e vice-versa (Manzoni, Cesare Cantú, Longfellow, etc.) que contenham trechos relativos à sua atividade intelectual e tradutória;
  - 4) livros pertencentes a D. Pedro II utilizados para as suas traduções que apresentem marginália.

O resultado final da transcrição e análise desses manuscritos inéditos será também a produção de edições genéticas das traduções de Dom Pedro II.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALCÂNTARA, Pedro de. **Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1890**. Organização de Begonha Bediaga, Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

BESOUCHET, L. **Pedro II e o Século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed., 1993.

CÂMARA, Giselle M. "**Então esse é o Imperador? Ele não se parece nada com reis**". **Algumas considerações sobre o intelectual brasileiro Pedro de Alcântara e suas viagens pelas terras do Nilo**. Dissertação de Mestrado. PUC/ RJ, 2005.

CASANOVA, P. **A República Mundial das Letras**. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The position of translated literature within the literary polysystem. *Polysystem Studies*, **Poetics Today**, 11(1), 1990, p. 45–51.

LAMBERT, José.; GORP, H. von. On describing Translations. In: HERMANS T. (Ed.). **The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation**. London & Sidney, Croom Helm, 1985, p. 42-53.

RAMA, Angel. **The Lettered City**. Translated and edited by John Charles Chasteen. Durham and London: Duke University Press, 1996.

SOUZA, Rosane. **A gênese de um processo tradutório: As Mil e uma noites de D. Pedro II**. 136 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis, 2010.

STALLAERT, Christiane. **Etnogénesis y etnicidad en España. Una aproximación histórico-antropológica al casticismo**, Barcelona, Anthropos/Proyecto A., (1998 [1996]).

STALLAERT, Christiane. **Conversión religiosa y traducción en las culturas ibéricas. Dos aliados en la creación de identidades contra-hegemónicas**, 2012, (no prelo, artigo datiloscrito cedido aos autores deste artigo).

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

WYLER, Lia. **Línguas, Poetas e Bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2003.